

**LINGUAGEM E LIMITE EM WITTGENSTEIN – UMA EPISTEME
CONDICIONAL EM SUA RELAÇÃO AFIGURATIVA**

**LANGUAGE AND LIMIT IN THE WITTGENSTEIN- AN EPISTEME OF
CONDITIONS IN ITS RELATIONAL REPRESENTATION**

Wellington Amâncio da Silva¹

Resumo: Este artigo visa fazer uma breve análise a partir de tópicos do Tractatus Logico-Philosophicus de Wittgenstein, de algumas condições de inteligibilidade, de apreensão e de afiguração (Das Bild) do mundo por meio da linguagem. A princípio, defendemos que a linguagem no Tractatus é “dispositivo” de enquadramento da realidade no discurso, tornando-a estática por afiguração - onde depende do conceito de análise como instrumento central da Ratio ocidental, da fundação e do contexto da Modernidade. Por fim, vale destacar que essa produção é o resultado parcial de pesquisas bibliográficas iniciadas em 2001. Este artigo originou-se a partir de discussões apresentadas em Contributions to the ontology of language opening, logos, limit, being and the conditions for co-authoring and possibilities of meaning do início de 2014.

Palavras-chave: Epistemologia; Linguagem; Tractatus; hermenêutica.

Abstract: This paper aims to make a brief analysis from topics Tractatus Logico-Philosophicus Wittgenstein, and the certain intelligibility conditions, of apprehension and representation (Das Bild) of the world through of language. At first, we argue that the language in Tractatus is framing “apparatus” of reality in the discourse, making it static through of figuration - which depends on the analysis concept as a central instrument of Western ratio, of foundation and of the modernity context. Finally, it is worth noting that this production is the partial result of bibliographic research begun in 2001. This article originated from discussions presented in Contributions to the ontology of language - opening, logos, limit, being and the conditions for co-and authoring possibilities of meaning in early 2014.

Keywords: Epistemology, Language, Tractatus, hermeneutic.

O sentimento do mundo como totalidade limitada é sentimento mítico.

(TLP, Wittgenstein, 6.45)

Todo o compreender possui o seu humor. Toda disposição é compreensiva.

(Sein und Zeit, Heidegger, §68)

¹ Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestrando em Ecologia Humana. Especialista em Ensino de Filosofia. Grupo de pesquisa Ecologia Humana – UNEB/CNPq. welliamancio@hotmail.com

Introdução

Redigido por Wittgenstein durante a Grande Guerra enquanto prestava serviço militar no front russo, teve sua publicação em alemão em 1921 como *Logisch-Philosophische Abhandlung*, e na Inglaterra em 1922 como *Tractatus Logico-Philosophicus*. É reconhecido o forte impacto do *Tractatus* nas ciências, por oferecer ferramentas importantes para a resolução de problemas filosóficos técnicos inéditos na época, propiciando assim um avanço nos estudos críticos da Lógica, bem como suporte crítico aos modos como a linguagem da filosofia tradicional. O próprio Russell, na introdução à obra citada, tanto a considerava um evento importante no filosófico (WITTGENSTEIN, 2010, p. 113), como um instrumento filosófico desvelador da ignorância da filosofia anterior.

Composta por meio de aforismos, é uma das poucas obras filosóficas do século 20 que encerram fascínio e complexidade, mesmo que seu pensamento e sua terminologia tenham sido desenvolvidos como assaz independência da filosofia de tradição alemã. A obra trata das formas de operar na linguagem, dentro da tradição filosófica e como esta se apresentava em sua época, como *linguagem que afirma* (*λόγος αποφαντικός*) e *linguagem que interpreta* (*λόγος ερμηνευτικός*), da realidade e da própria lida filosófica.

A grande dificuldade de escrita da obra pode diminuir se o leitor tiver se debruçado antes sobre as questões basilares da Filosofia suscitadas a partir da obra citada - muitas delas discutidas no *Tractatus* com grande profundidade conceitual e esforço de exatidão linguística. Para Wittgenstein, “a Filosofia limita o território disputável das ciências naturais” (TLP, 4.113)², por meio de uma linguagem superestruturada pela filosofia analítica, isto é, da análise da própria linguagem através de uma depuração, a saber, de uma crítica de toda a tradição filosófica desde a Antiguidade.

Aos que se familiarizaram com alguns dos trabalhos de Frege, Russell e

² Daqui por diante utilizaremos “TLP” com abreviação para *Tractatus Logico-Philosophicus*.

Círculo de Viena³, sabe-se que a questão central o *Tractatus* retoma é a do problema da polissemia de sentidos dentro da Filosofia do seu tempo, da livre de subjetividade de conceitos e uso idiossincrático das ferramentas analíticas, de filósofo para filósofo.

A partir do *Tractatus*, a filosofia moderna passaria a se preocupar com a formalização dos sentidos conceituais postos pela linguagem, visando uma imagem linguística dos fatos do mundo e uma espécie de padronização de sentidos, a que entendemos como *enquadramento formal da realidade* (TLP, 2.1 e 2.225). Temos assim uma nova postura para a Filosofia Analítica que se preocupa com a aproximação linguagem/fatos a partir de um constante aperfeiçoamento das possibilidades e condições da própria linguagem em face das relações lógicas com os fatos. Essas condições podem ser sugeridas por sua determinação, isto é, pelos limites da própria linguagem como lidamos com ela. Por exemplo, segundo Cometti (1996), “Wittgenstein se envolve de uma maneira que poderíamos dizer estrutural no sentido de que o significado de uma palavra é definido por seu lugar em um sistema gramatical”. De todo modo, seu caráter de representar teria como paradigma central, o sujeito histórico como ideia, como representação (COMETTI, 1996, p. 104). Se “a figuração consiste em que seus elementos estão uns em relação aos outros de um modo determinado”, (TLP, 2.14), nisso consiste também a lógica dos significados. O sujeito anterior ao questionamento do primeiro Wittgenstein, lidava com a linguagem de forma um tanto inocente, como autor e controlador convicto da sua condição, quase em absoluto domínio do que conceituou como relação entre os sentidos, os fatos como significados.

Wittgenstein afirmaria existir um vínculo entre os próprios fatos e a linguagem que os representa, como modelo de realidade (TLP, 2.12), na forma de estrutura lógica formal – talvez compreendendo as pretensões do seu tempo, em que própria linguagem traria *in nuce* o horizonte de toda lógica a qual ela mesma construiu, apreendendo o mundo para o ser humano como *Κόσμος*, isto é, como horizonte ordenado, na medida em que o representaria, porém, numa perspectiva cartesiana. Mesmo diante da afirmação de que a imagem representa estado de coisas

³ A tradição do Círculo de Viena afirmava que o *Tractatus* exaltava os discursos da linguagem da Ciência em face de outros universos de figuração dos fatos.

(TLP, 2.11) em seu traje, em sua exterioridade, Wittgenstein considerou a linguagem como um traje que disfarça o pensamento, constituídas segundo fins inteiramente diferentes de tornar reconhecível a forma do corpo (TLP, 4.002), o conteúdo das coisas. Wittgenstein parece tomar coisas como representação de essência e objeto como aquilo que pode ser expressa em proposições, e ainda, que pode ser afigurado. (TLP, 20.233). Parece não fazer distinção entre coisas a minha frente (*re extensae*) e objeto afigurado (*objectus*): “*Gegenständen (Sachen, Dingen)*” (TLP, 2.01). Poderíamos entender assim a coisa como o fenômeno em vias da sua afiguração e o objeto como o fenômeno afigurado, apreendido na linguagem. Wittgenstein associa-os como dois modos de fenômenos alcançáveis pela linguagem no âmbito de um contexto (*Verbindung*), cada um deles disposto em uma *escala analítica de aproximação* pela linguagem.

No *Tractatus*, o modo de lidar com a linguagem em geral é, por assim dizer, de suspeita, daquilo pela sua demasiada liberdade polissêmica⁴, não percebidas durante o percurso da tradição desde a antiguidade. Isto é, nos parece que a filosofia anterior não pôde ou não quis considerar as intersecções entre “linguagem corrente” (TLP, 4.002) e linguagem filosófica no cerne da tradição. Mesmo assim, Morton (1993), Wittgenstein, dentro de suas perspectivas analíticas, inferiu que a tarefa primordial da filosofia não é propor doutrina positiva (MORTON, 1993, p. 17), visto que pretende fazer uma crítica ao trato e ao uso inadequado da linguagem no cerne da tradição filosófica. Sobre a tradição filosófica – da Antiguidade à Modernidade, no *Tractatus*, Wittgenstein observava a inserção de aspectos não lógicos que perpassavam seus conceitos – “como mau entendimento da lógica da nossa linguagem filosófica” (TLP, 2001, p. 131).

Visa aí demonstrar os limites daquilo que a linguagem é capaz – como limites do pensamento, das possibilidades e condições do conhecimento, limite da apreensão dos fatos e de sua comunicação como *Abbildende*, isto é, como afiguração (TLP 2.15). Por assim dizer, a figura (*Bild*) de cada fenômeno, em sua representação na linguagem, decorre da concatenação entre os elementos da

⁴ No Segundo Wittgenstein ir-se-á compreender as linguagens diversas em seu uso ontológico e, digamos, pragmático – reconhecendo polissemia, indicialidade e contexto como fatores influenciadores de sentidos na linguagem corrente. Em outras palavras, a linguagem corrente era reconhecida por Wittgenstein como “parte do organismo humano e não menos complicada que ele” (TLP 4.002), portanto, aberta à susceptibilidades.

realidade, como interação ser humano/mundo na medida do limite do próprio homem como agente da linguagem. Esse é o limite, isto é, que “a figura representa uma situação possível no espaço lógico” (TLP 2.022), espaço racionalmente delimitado, espaço antes, sensivelmente alcançado pelo homem, racionalizado pelo pensamento na dimensão do seu repertório mental.

Linguagem e Limite em Wittgenstein

No *Tractatus*, a linguagem se conforma ao mundo como representação – “Afiguração” (TLP, 2.12), *de modelo de realidade* -, em seus desdobramentos, certamente como uma mimese (LIMA, 2011, p. 206) em caráter de assemelhar, ou ainda, condição de nomeação, modo de situar - enquanto demonstra sua qualidade de compreensibilidade factual dos entes do mundo. Numa relação isomórfica entre os elementos constituintes da realidade e de sua afiguração linguística, “os elementos da figura substituem nela os objetos” (TLP 2.131). Esta representação é, sobretudo, uma exterioridade para as coisas, ou, segundo Wittgenstein(2010), “a Figura afigura a realidade ao representar uma possibilidade de existência ou inexistência de estado de coisas” (TLP, 2.201); e isso decorre a partir da linguagem, pois, “o que a figuração representa é seu sentido” (TLP, 2.221) e não os fatos da coisa mesma (*Ding an sich*); desta forma,

como Kant, Wittgenstein chama a atenção para a contingência lógica de muitas verdades supostamente necessárias, embora reconhecendo que não podemos realmente imaginar ou construir uma alternativa, porque a maioria dos nossos conceitos mais básicos reflete fatos muito gerais sobre a natureza e sobre a nossa capacidade de contar sobre a natureza. (WESTPHAL, 2004, p. 29).

Assim sendo, a linguagem não apreenderia uma essência, mas os modos como essas imagens se adequam logicamente, naquilo que é possível, cabível e aproximado, no *limite* de uma linguagem com pretensões filosóficas.

Mas, antes de fazer, neste artigo, alguns questionamentos sobre a linguagem filosófica, é preciso diferenciar brevemente esta da “linguagem corriqueira” que também em si é uma representação – de afiguração da realidade. Há o reconhecimento de que “tudo pode ser verdade para a nossa língua comum, em

cujas proposições são sempre mais ou menos inexatas. Mas não poderíamos imaginar uma linguagem tão sutil que reproduzisse os menores detalhes?” (BAKER, MACKERT, CONNOLLY, 2003, p. 313). Ora, a linguagem corriqueira atravessa o campo da “*aporia*” entre realismo e aparência e *enuncia*, por assim dizer, sob amplas despretensões, de validade formal - muito embora possua uma lógica⁵. Sobre esse modo de confronto entre idealismo e realismo “necessariamente, nós representamos coisas como existentes independentemente da representação que atribuímos a elas”. (ROSENBERG, 1980, p. 109). Num aspecto mais geral, segundo Da Silva (2014b, p. 14), “a linguagem é uma reflexão enunciada, não como algo acabado, mas inconstante e multifacetada: ela se lança demonstrando sua pluralidade ao mesmo tempo em que problematiza e doa problemas. Tenta se apropriar da natureza dos objetos em suas representações”.

Por outro lado, a linguagem filosófica, de uma perspectiva atomista, sabe-se que a partir das afirmações de Wittgenstein (2010), pode-se definir a tarefa da linguagem filosófica como sendo a de estabelecer as condições de interação como figuração do mundo em sua materialidade, e ainda, inter-relação ser humano/mundo/linguagem enquanto ontologia inseparável, determinando as condições e possibilidades de sentido *mais* claramente viáveis de estabelecer – é possível afirmar que a clarificação de uma viabilidade é um consenso?

No percurso do *Tractatus*, é possível aferir um sujeito metafísico, um sujeito que é “limite do mundo” é uma forma-sujeito típica da modernidade⁶ que ao mundo “não pertence”, mas relaciona-se com o mundo por mediação de sentidos. Nisto Wittgenstein exprime a sua maneira já um “transcendentalismo fenomênico”, isto é, um retorno do sujeito para si⁷, como paradigma dos elementos do mundo, isto é, como “sujeito afigurador”. Nela há diversas formas de regulação e constituição do

⁵ Questão aprofundada no segundo Wittgenstein, das Investigações Filosóficas, que é, sobretudo, um texto que visa demonstra os “graves erros” do *Tractatus*.

⁶ Wittgenstein parece corroborar com a ideia de sujeito foucaultiana (TLP, 5.641), ao mesmo tempo que determina o sujeito como ponto referencial de interpretação de mundo – visto que esse trabalho é feito na linguagem. Nesse sentido, um maior aprofundamento acerca do sujeito como forma e/ou conceito situado historicamente é discutido por Foucault. (FOUCAULT, 2010, p. 508).

⁷ Exceto entre os Pré-Socráticos, posteriormente, a filosofia adotará uma linguagem antropocêntrica, evidenciado no ζῷον λόγον ἔχον (animal dotado da palavra) de Aristóteles. O próprio sujeito da linguagem, na linguagem, condicionaria os sentidos do mundo. Especificamente, (λόγονδὲ μόνον ἄνθρωπος ἔχει τῶν ζῴων), “dentre todos os seres vivos, apenas o homem possui palavra”. (ARISTÓTELES, 1998/1253 a 9-10, p. 55)

sujeito como construção paradigmática na linguagem – tanto o mundo factual como o próprio sujeito atravessam sua compreensão na linguagem – sua ferramenta *ôntica* e ontológica. Por causa disso, segundo Wittgenstein, “os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo” (TLP 5.6). No entanto - ao evocar o conceito heideggeriano de *abertura, de desvelamento*⁸ na linguagem através das palavras -, para além do *éthos* daqueles que enunciam nos limites⁹ do mundo (da apreensão e dos fenômenos), pelos limites da linguagem -, também ocorreria um fechamento do ser às possibilidades de sentidos do próprio mundo, visto que estes por sua *natureza* suscitam através de “indexicalidade”, isto é, de que “todas as determinações que se ligam a uma palavra e situação acontecem por indexicalidade; que uma palavra possui um significado transsituacional, assim como outro significado distinto para toda situação particular em que a palavra é usada” (COULON, 2007, p.26).

Os limites seriam uma *redução de sentidos do mundo*, por assim dizer, entre as fronteiras de apreensão de sentidos dos elementos do mundo e os próprios elementos representados; *a fortiori*, a linguagem visa estar aberta ao mundo para além da sua significação convencionalizada (DA SILVA, 2014a, p. 4), para além do entendimento dado pelo consenso. Isto se dá pela “representação oficial do sujeito” (que é uma representação aristotélica, resultante até aqui da melhor conceituação do homem), isto é, daquele que se constitui historicamente como um *ζῷον λόγον ἔχον*. Entretanto, talvez resida na própria condição humana de *ζῷον*, isto é, da sua parcela *animal*, em suas dimensões de contingência, irracionalidade e de ocaso, as determinações de alguns aspectos contingenciais dentro das relações possíveis com o mundo por meio da linguagem, visto que a linguagem não nos retira desta condição de *ζῷον*. *Faze-se* de tal modo, não por conformismo, mas por intuitiva confirmação do “mau entendimento da lógica da nossa linguagem filosófica” (TLP, p. 131). Dessas forças, o homem tem a tendência de se lançar contra os *limites* da linguagem (WITTGENSTEIN, 1984, p. 68) - nessa perspectiva de inter-relação da experiência/linguagem como condição de afiguração factual não

⁸ *Erschlossenheit*. (HEIDEGGER, 2001, §7, p. 38; §16, p. 75; § 18, p. 87; § 110, p. 24; §26, p. 123; §28, p. 132).

⁹ O limite da linguagem factual, isto é, aqueles que visam “logicizar” suas representações (imagens) da realidade.

dispensa o emocional com seu peso determinante, mesmo que saibamos que uma “tradição de interpretações de Wittgenstein afirma que certas perplexidades filosóficas são os subprodutos de uma mentalidade ‘patológica’” (BUTTON, 2013, p.140).

Por outro lado, se o termo *limite* se apresenta como conceito é porque se apresenta como *recorte* pelo autor do *Tractatus*. Para ele, “o limite só poderá ser traçado na linguagem, e o que estiver além do limite será simplesmente um contra-senso” (TLP, 2010, p. 131). Disso, aqui nos referimos às possibilidades paradigmáticas da sua época - como um recurso analítico para apreensão parcelada/simplificada da realidade: isto é *limite*. Em oposição categórica, a abertura se colocaria como possibilidade *em aberto* de ser e estar no mundo, no vínculo dinâmico entre dar sentido e interpretá-los, visto que à abertura não implicaria transcendência, mas uma busca de liames (imanências) entre os fatos e as imagens, na linguagem, talvez se concretizado muito mais em possibilidades pela afeição do sujeito ao seu entorno como parte constituinte deste (TLP, 5.621).

Talvez fora do mundo, “o sujeito que pensa, representa, não existe” (TLP, 5.631); só dentro da linguagem concebe o mundo, isto é, os fatos nos “*limites* da sua linguagem”¹⁰ - assim, toda afeição adotada para si é conceitual e subjetiva. Nisso, Wittgenstein preocupou-se com o limite da linguagem, isto é, com a expressão dos pensamentos em seus limites. (TLP, 2010, p.131). Segundo Da Silva, (2014b, p. 10), “O próprio limite não é mais, talvez, que um recorte arbitrário em um conjunto indefinidamente dinâmico de acontecimentos”.

Como o próprio autor posteriormente irá afirmar, a ética (*ethos*) está situada para além dos limites da linguagem e difícil de ser “colocada em palavras”, visto que o *espaço* entre ambos é justamente aquele aspecto contingente da dinâmica humana, nos contextos onde se dão. Sendo tais proposições contingentes o próprio material das ciências naturais, a linguagem sempre nos apresenta um programa inacabado, em aberto, sentido mesmo do engajamento desse “animal” aristotélico

¹⁰ “*Die Grenzen meiner Sprache bedeuten die Grenzen meiner Welt*” – “Os limites da minha linguagem representam os limites do meu mundo”. Esta organização lógica do mundo é, para o sujeito, seu mundo; além dele a linguagem não alcançou, isto é, afigurou. (WITTGENSTEIN, 2010, § 5.6).

“dotado da palavra”¹¹, que “dentre todos os seres vivos, apenas o

homem possui palavra” e que toma para si a linguagem e seu uso. Desta sentença muitas vezes tomada como axioma, talvez seja “possível reconhecer que o primeiro Wittgenstein acreditava haver um papel vital na idéia de que o significado é algo para além do uso de uma palavra, algo correlacionado com uma palavra, algo que nós agarramos para compreendê-la”. (MCGINN, 2013, p. 37).

Advém da sua modernidade, um pensar como figuração lógica (TLP, 2001, 3) caso contrário, ao significar na linguagem o *fato* será entendido de diversas maneiras, ao infinito, se não houver, ao menos, um contexto que possa oferecer os *limites* (*Grenzen*) possíveis, um “situar”, ou um “barrar” (*Grenzen*) as expansões de sentido. Assim sendo, se Wittgenstein coloca que “um nome toma lugar de uma coisa, um outro, o lugar de outra, e estão ligados uns com os outros” (TLP, 4.311)¹² essa ligação se inicia pela *afeição*, ao descobrir que “o mundo e a vida são um só” (TLP, 5.621).

Nestas condições, é preciso esclarecer que a expressão latina *contexere*, confere a *contexto* o sentido, primeiro visual, de entrelaçar, reunir, compor por meio de tessitura (*texere*, tecer), visando claramente uma afiguração de ordem, no próprio encadeamento do discurso, e aquilo que ele evoca, e ainda, de composição lógica naquilo que é apresentado, isto é, que para entendimento lógico (expressão/compreensão) é tecido dentro da “afiguração” de sentidos; desde então, a partir do conceito de organização, que se lança sobre os fatos reais, é que se denominaria a expressão “conexão”, também compreendido como “estado de coisas”¹³ (*Sachverhalt*), como uma ordenação na complexidade dos fatos, pois, “é essencial para a coisa poder ser parte constituinte de um estado de coisas” (TLP, 2.011)¹⁴; desse aspecto de racionalização, a complexidade das circunstâncias, que acompanha os fatos, é enquadrada e/ou simplificada no âmbito do *contexto*,

¹¹ (λόγονδὲ μόνον ἄνθρωπος ἔχει τῶν ζῴων), “dentre todos os seres vivos, apenas o homem possui palavra”. (ARISTÓTELES, 1998/1253 a 9-10, p. 55).

¹² *Ein Name steht für ein Ding, ein anderer für ein anderes Ding und untereinander sind sie verbunden*
(WITTGENSTEIN, 2010, 4.011).

¹³ *Der Sachverhalt ist eine Verbindung...* o estado de coisa é uma conexão... (WITTGENSTEIN, 2010, 2.01).

¹⁴ *Es ist dem Ding wesentlich, der Bestandteil eines Sachverhaltes sein zu können.*
(WITTGENSTEIN, 2010, 2.011).

contribuindo para a sua significação e compreensão.

Doravante, se “só a proposição tem sentido; apenas no contexto (*zusammenhange*) de uma proposição é que um nome tem referência” (TLP, 3.3), não implica nisso uma redução de sentidos em face das dimensões deste contexto da proposição, cada vez que um contexto for delimitado *de* ou *por* outro. No âmbito, no quadro onde a proposição ganha sentido, somente assim ocorre porque não está só, isto é, não pode haver proposição que a outro não remeta e a proposição é, em si, uma “composição”, portanto, referenciar é correlacionar, é conexão num fundo contextual anteriormente dado.

Assim sendo, se as proposições têm sentido ou não, tendo podem ser verdadeiras ou falsas; ambas afirmam existirem fatos que ocorrem ou não ocorrem –; os nomes que as compõem têm significado *Bedeutung* (TLP, 3.3) ou não, correspondem ou não a objetos, que se concatenam ou não.

Segundo Anscombe (1971),

No Tractatus, *Bedeutung* deve ser tomado como “significado” e “sentido”. A concepção de “sentido” de Wittgenstein pode ser a mesma de Frege, se tivermos o cuidado de acrescentar que Wittgenstein teve diferentes teses sobre ele, porque Frege decidiu que os nomes não tinham significados, mas apenas referência, e proposições nenhuma referência, mas apenas significa; que uma proposição não poderia ter um sentido sem ser verdadeira ou falsa. (ANSCOMBE, 1971, p. 17)

Nesta perspectiva de sentidos, na linguagem, os *limites* estão condicionados as suas próprias pretensões, isto é, dentro de um contexto: aquilo que o *limite* quer mostrar em sua “plena” inteligibilidade pode ser mais bem compreendido a partir de um contexto, mas não pode apresentá-lo em sua complexidade. Os *limites* do (*meu*) mundo na linguagem, portanto, só poderiam ser viabilizados com o outro, com efeito, estão onde possam co-significar: porque a *abertura* do mundo é ilimitada, exceto pela obrigação em compreendê-lo através dos recursos que se possui. Ora, a linguagem é posta em sua ontologia fundamental, *viz*, como dispositivo de racionalidades que possibilita a compreensão, enquanto modo de abertura do sujeito na existência e para a existência a qual está imanente e ele mesmo é, ou como disse Parmênides “[...] *Tò γὰρ αὐτὸ νοεῖν ἐστίν τε καὶ εἶναι* (“[...] O mesmo é o ser e o pensar”).

Considerações finais

Para Wittgenstein, fatos e coisas são realidades diferenciáveis, O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas. (TLP, 2010,1.1). Ora, sua proposição (líame entre linguagem e estado de coisas), dada como matriz de qualquer discurso cuja *disposição* latente e patente, visa menos definir de forma determinada um objeto em seu estado de isolamento do seu contexto pelo afastamento, e mais oferece as possibilidades de condições de uma *aproximação* conceitual dos fatos e, por isso mesmo, da linguagem da “verdade condicional”, a partir da estrutura própria que determina as classes de constatação da realidade “estática”, isto é “o objeto é o fixo, o subsistente”. (TLP, 2.0271) – os fatos tornam-se estáticos quando apresentados por meio da linguagem? Tornam-se “coisas” agora conceituadas? Nenhuma proposição pode (se) estagnar. Assim, sendo o mundo uma totalidade de fatos (TLP, 1.1), em face da pergunta metafísica “o que são as coisas em relação aos fatos?” O Wittgenstein do *Tractatus*, em todo o seu percurso argumentativo, evitar e, por isso mesmo, mostrar sua falta de importância (WITTGENSTEIN, 2010, p. 133.).

Pensemos por fim: “o mundo é tudo o que é o caso” (TLP, 1; MORTON, 1993, p.57), portanto, o que nos interessa, através linguagem (pela qual apreendemos, pensamos, e dizemos), é o *caso* em fatos – o caso é estritamente da nossa jurisdição humana. O *caso* se apresenta *como e através da linguagem*. Nesta conexão, isto é na linguagem, o mundo dos *fatos* objetivados se mostra como um conjunto de imagens e não das coisas (*re extensae*) mesmas, logo, a vida é constituída de fatos de linguagem, assumidos, aí, nesta conexão, como casos, assim, se “o mundo e a vida são um só” (TLP, 5.621) e nele o ser humano é parte constituinte (TLP, 5.631), as proposições são importantes recursos elucidativos desta conexão.

Para uma interpretação contemporânea, os limites da linguagem não são “barreiras”, são formas de enxergar em blocos, imagens, quadros (*Bild*), entre isso e aquilo – recurso analítico para a exposição *enquadrada* do “objeto” ao olhar “apreendedor” do sujeito da Modernidade. Sua observação sofre o efeito de *paralaxia* (KARATANI, 2003, p. 44) nas condições mesmas das limitações postas ao olhar e ao dizer – no que implica a obrigação de “compreender” e “explicar”. Limites das imagens do fenômeno articuladas na linguagem factual visam

correlacionar o fato do mundo em sua dinâmica com a analítica da sua apreensão conceitual distanciada numa amostragem do fenômeno *em movimento* em um quadro estático – eis a questão basilar da paralaxe moderna, a saber, entre a visão do fato do mundo pelo sujeito e sua afiguração analítica. Digamos: se a afiguração é um modo de cristalização da realidade, o que poderíamos dizer dos fatos enquanto acontecimento?

Assim, a noção propositiva destas *feições metafísicas*¹⁵ se complementa e se integra com a própria noção das feições; em outras palavras, no afastamento do mundo – condicionamento da linguagem na Modernidade –, o encontro paradigmático, no fundo predicativo, é feito consigo mesmo – o sujeito conceitua mais o que viu (imagem) do que apreende a tangibilidade do fato em sua exterioridade, para além da análise e, de certo modo se afasta; a interpretação que se faz aí é atribuição de significados intra-objetivos (o *subjectivus* do objeto é tudo aquilo que remetemos como uma “anti-fenômeno”, em outras palavras, o limite mostra menos a exterioridade das coisas) – uma simulação que por isso mesma trás em sua descrição o inexato (como entidade de uma totalidade), o não lógico que é *esse* (e não *este*) distanciamento aparente, irreal, o não lógico é gestado em toda forma de consenso duradouro.

Ainda é válido destacar que para Wittgenstein a questão das proposições e imagens lógicas objetivam representar a importância do *paradigma da visão* para o autor – a importância da inteligibilidade e construção de sentidos pela primazia da visão se adéqua à visão de mundo cartesiano, onde, pela análise, em sua condição pelo distanciamento, as relações com os objetos do mundo se fazem por meio de um relacionamento espacial.

REFERÊNCIAS

ANSCOMBE, G. E. M. An introduction to Wittgenstein's Tractatus: themes in the philosophy of Wittgenstein. London: Hutchinson, 1971.

ARISTÓTELES. Política. Tradução de Antonio Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Editora Vega, 1998.

¹⁵ Tendo como base o parágrafo anterior são feições metafísica, isto é, aparências de realidade termos tais como limite, formas, imagens, olhar, dizer, compreender, explicar, visão, mundo, sujeito, etc.

- BAKER, Gordon, MACKERT, Michael, CONNOLLY, John and POLITIS. Vasilis (Orgs.). *The voices of Wittgenstein, The Vienna Circle - Ludwig Wittgenstein And Friedrich Waismann*. London: Routledge, 2003.
- BLANC, Mafaldo de Faria *Introdução à Ontologia*. Instituto Piaget: São Paulo, 1997.
- BUTTON, Tim. *The Limits of Realism*. New York: Oxford University Press, 2013.
- COMETTI, J. *Philosopher avec Wittgenstein*, Paris, PUC, 1996.
- COULON, Alain. *L'ethnométhodologie*. 23. ed. Paris: Press Universitaires de France, 2007.
- DA SILVA, Wellington Amâncio. *Aspectos da existência situada em Heidegger*. In. *Revista Logos & Existência*, n. 3. V. 1 de 2014a.
- _____. *Contributions to the ontology of language - The conditions for co-authoring and possibilities of meaning*. 2. ed. Saarbrücke: LAMBERT Academic Publishing, 2014b.
- FIGAL, Güter. *Martin Heidegger: Phänomenologie der Freiheit*, Weinheim, Beltz Athenäum Verlag, 2000.
- FOUCAULT, Michel, *A Ordem do Discurso*. 8º Ed. Loyola, São Paulo: 2002.
- FREGE, Gottlob. *Les Fondements de l'arithmétique*. Paris: Ed. Du Seuil, 1971.
- GUIGNON, C. B., *Heidegger and the Problem of Knowledge*, Indianapolis, Hackett Publishing Company, 1983.
- HAGBERG, Garry L. *Describing Ourselves - Wittgenstein and Autobiographical Consciousness*. New York: Oxford University Press, 2008.
- HEIDEGGER, Martin (GA 61). *Phänomenologische Interpretationen zu Aristoteles. Einführung in die phänomenologische Forschung*. [WS 1921-1922]. Gesamtausgabe Bd. 61. Ed. W. Bröcker & K. Bröcker-Oltmanns. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1985.
- _____. *Sein und Zeit*. Achtzehnte Auflage. Unveränderter Nachdruck der fünfzehnten, an Hand der Gesamtausgabe durchgesehenen Auflage. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001.
- KARATANI, Kojin. *Transcritique – on Kant and Marx*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2003.
- LIMA, Luiz Costa. *História, Ficção, Literatura*. Companhia da Letras, São Paulo,

2011.

MORTON, Michael. *The critical turn: studies in Kant, Herder, Wittgenstein, and contemporary theory*. Michigan/USA: Wayne State University Press, 1993.

ROSENBERG, Jay F. *One world and our knowledge of it - The Problematic of Realism in Post-Kantian Perspective*. D. Reidel Publishing Company: London, England, 1980.

SCHIMTZ, François. *Wittgenstein*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

WESTPHAL, Kenneth. *Kant's Transcendental Proof of Realism*. New York: Cambridge University Press, 2004.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. EDUSP: São Paulo, 2010.

_____. *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, in: *Werkausgabe*, vol. 3, Frankfurt am Main, 1984.

_____. *Investigações Filosóficas*. Tradução de Marcos. G. Montagnoli. Vozes: Petrópolis, 2013.

YOLTON, John W. *Realism and Appearances. An Essay in Ontology*, Cambridge 2000.